

**SERGIO CARLUXO RIBEIRO DE SOUZA**

**O EVANGELHO E OS EVANGÉLICOS: Uma pesquisa sobre  
como os evangélicos atuais entendem o Evangelho**

**Pindamonhangaba -**

**SP**

**2021**

**SERGIO CARLUXO RIBEIRO DE SOUZA**

## **O EVANGELHO E OS EVANGÉLICOS: Uma pesquisa sobre como os evangélicos atuais entendem o Evangelho**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado  
como parte dos requisitos para obtenção do  
Diploma de Bacharel pelo curso de Teologia  
do Centro Universitário Unifunvic.

Orientador: Professor Me. Roberto dos Reis

**Pindamonhangaba – SP**

**2021**

Souza, Sergio Carluxo Ribeiro de,  
O evangelho e os evangélicos: uma pesquisa sobre como os evangélicos atuais  
entendem o Evangelho / Sergio Carluxo Ribeiro de Souza /  
Pindamonhangaba-SP : UniFUNVIC Centro Universitário Vida Cristã, 2021.  
32f.

Monografia (Graduação em Teologia) UniFUNVIC-SP  
Orientador Prof. Me. Roberto dos Reis

1 Evangelho. 2 Protestantismo. 3 Evangelicalismo. 4 Discipulado.  
I O evangelho e os evangélicos: uma pesquisa sobre como os evangélicos atuais  
entendem o Evangelho II Sergio Carluxo Ribeiro de Souza

**SERGIO CARLUXO RIBEIRO DE SOUZA**

**O EVANGELHO E OS EVANGÉLICOS: UMA PESQUISA SOBRE COMO OS  
EVANGÉLICOS ATUAIS ENTENDEM O EVANGELHO**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado como parte dos requisitos para  
obtenção do Diploma de Bacharel pelo curso  
de Teologia do Centro Universitário  
Unifunvic.

Orientador: Professor Me. Roberto dos Reis

Data: \_\_\_\_\_ Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Me. Roberto dos Reis Centro Universtitário

UniFUNVIC Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Me. Ricardo Alexandre de Carvalho Centro Universitário

UniFUNVIC Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Me. Emerson de Moreira Cavalheiro Centro Universitário

UniFUNVIC Assinatura: \_\_\_\_\_

Agradeço primeiramente ao meu Deus, Criador, Provedor e Salvador Eterno que, através de Jesus Cristo, me levou a conhecê-Lo.

À minha esposa Simone e minha família que com amor suportaram este tempo que frequentei a academia.

Por fim, agradeço à Gabriela Grandchamp Oliveira, que viu em mim o potencial, me incentivou, provocou e não me deixou perder a oportunidade de crescer como cristão.

## RESUMO

O presente monografia, intitulada “O evangelho e os evangélicos: uma pesquisa sobre como os evangélicos atuais entendem o evangelho”, tem como objetivo pesquisar o que contribuiu para a formação da visão que os evangélicos têm do evangelho bíblico. Para o desenvolvimento dessa monografia, adotou-se como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica. Quanto à abordagem, optou-se por uma análise teórica, ancorada nos seguintes procedimentos: Pesquisa Bibliográfica a partir da revisão de literatura sob a temática abrangendo enciclopédias, coleções, livros, artigos revistas e jornais. Enquanto a pesquisa documental valeu-se de informações colhidas de trabalhos públicos e privados, partindo-se das palavras-chave: evangelicalismo, discipulado, protestantismo e Evangelho. A relevância desse tema é avaliada quando procura traçar a linha de desenvolvimento do perfil do evangélico partindo-se da mensagem original do evangelho bíblico, sua aceitação através dos séculos, a Reforma Protestante e formação da denominação evangélica especialmente no Brasil. Como resultado espera-se que seja lançada uma luz sobre como os evangélicos se comportam frente a sociedade em que estão inseridos e suas crenças e confissões e consequentemente sugerir formas de discipulado eficaz conforme consta como missão dos cristãos no evangelho de Mateus, capítulo 28, versos 19 e 20.

**Palavras-chave:** Evangelho. Protestantismo. Evangelicalismo. Discipulado.

## ABSTRACT

The present monograph entitled “The gospel and evangelicals: a survey on how today's evangelicals understand the gospel”, aims to research what contributed to the formation of the vision that evangelicals have of the biblical gospel. For the development of this monograph, bibliographic research was adopted as a methodological approach. As for the approach, a theoretical analysis was chosen, anchored in the following procedures: Bibliographic Research based on the literature review under the theme, including encyclopedias, collections, books, magazine articles and newspapers. While the documental research drew on information collected from public and private works, starting from the keywords: evangelicalism, discipleship, Protestantism and Gospel. The relevance of this theme is evaluated when it seeks to trace the line of development of the profile of the evangelical starting from the original message of the biblical gospel, its acceptance through the centuries, the Protestant Reformation and formation of the evangelical denomination, especially in Brazil. As a result, it is hoped that light will be shed on how evangelicals behave towards the society in which they are inserted and their beliefs and confessions and consequently suggest forms of effective discipleship as stated in the mission of Christians in the Gospel of Matthew, chapter 28, verses 19 and 20.

**Keywords:** Gospel. Protestantism. Evangelicalism. Discipleship.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>MÉTODO</b> .....	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>10</b>
<b>3.1</b>	<b>O que é o evangelho</b> .....	<b>10</b>
<b>3.2</b>	<b>Quem são os evangélicos</b> .....	<b>11</b>
<b>3.3</b>	<b>Estudos avançados - expansão</b> .....	<b>15</b>
<b>3.4</b>	<b>O que diz o evangelho e o que diz o evangélico</b> .....	<b>15</b>
<b>3.5</b>	<b>Evangelismo</b> .....	<b>17</b>
<b>3.6</b>	<b>A mensagem do evangelho na mente dos evangélicos</b> .....	<b>19</b>
<b>3.7</b>	<b>O ensino das escrituras</b> .....	<b>23</b>
<b>3.8</b>	<b>Educação cristã</b> .....	<b>24</b>
<b>3.9</b>	<b>A base central</b> .....	<b>25</b>
<b>3.10</b>	<b>Por um discipulado eficaz</b> .....	<b>25</b>
<b>3.11</b>	<b>Leis do discipulado</b> .....	<b>27</b>
<b>3.12</b>	<b>A escala do crescimento</b> .....	<b>28</b>
<b>3.13</b>	<b>O estudo bíblico</b> .....	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>30</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo censo de 2010 realizado pelo IBGE, o Brasil contava com 42,3 milhões de evangélicos dentre uma população de 190,76 milhões de habitantes. Com esses dados concluímos que um em cada quatro brasileiros se declara evangélico. Um número bastante expressivo que deve ter crescido ainda mais até os dias atuais. Levando-se em conta que esse grupo religioso, denominado evangélico, tem uma cultura, hábitos e posicionamento moral e ético tradicionalmente diferente do restante do povo brasileiro, é de se esperar, com esse crescimento, uma influência cada vez maior no perfil da população, principalmente no que diz respeito à sua confissão de fé e seus desdobramentos.

A mensagem do evangelho, tem tido um impacto tão grande no mundo que dividiu a História em antes e depois da chegada de seu proclamador, Jesus Cristo. Era tão radical que despertava ódio nos que a rejeitaram a ponto de desejar a morte dos crentes e estes, por sua vez, eram gratos pela honra de dar suas vidas por causa desta proclamação. Como podemos descobrir na obra de Justo L. Gonzáles, Uma História Ilustrada do Cristianismo, no primeiro volume, durante os primeiros séculos, as perseguições eram tão intensas que os cristãos foram espalhados pelo mundo com seu testemunho que, da mesma maneira que abalou Israel e Roma, trouxe grande impacto no restante do mundo da época. Mais adiante na História, os chamados “Pais da Igreja”, enfrentaram lutas pessoais e externas para manter viva e intocada a doutrina bíblica diante dos ataques e distorções da mensagem original. Entre eles, Clemente de Alexandria, Inácio, Policarpo, Agostinho e tantos outros.

Apesar do arrefecimento do espírito da pregação, devido as influências do Estado na igreja, quando chegou um período de aceitação do Império Romano à fé cristã, homens como John Huss e outros precursores da “Reforma Protestante”, mais uma vez causaram uma revolução nas estruturas do mundo, não só em aspectos religiosos, mas também na economia, educação e na política. Homens como Martinho Lutero, João Calvino e Ulrico Zuínglio entre outros, redescobriram nas Escrituras a mensagem que transformou tão radicalmente suas vidas e até hoje traz convicção e segurança pois é, segundo escreveu o apóstolo Paulo em sua carta aos Romanos no capítulo 1 e verso 16, “o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”.

Ao longo de todos estes séculos, a mensagem nunca esteve presa apesar de ações políticas e religiosas em várias regiões do mundo ao longo da história. O evangelho é tão poderoso que muitos perderam, perdem e ainda perderão suas vidas por causa de Cristo e sua Palavra. Os missionários que percorreram a Europa, África, Índia, China e o Oriente, as Américas e os confins da Terra, continuam ainda hoje buscando algo que está longe da estabilidade financeira, conforto e alvos materiais. O que parece lhes cativar é a fé no autor da mensagem do evangelho e seu poder.

A questão levantada aqui é: o que tem contribuído para a formação do entendimento dos evangélicos com relação ao evangelho e do mundo em que vivem e como ou em que grau influencia o comportamento geral do povo brasileiro?

Como em todos os grupos humanos que assumem a mesma confissão, ideologia, preferências ou qualquer outra motivação que os faça criar uma agremiação, percebemos uma distinção entre seus membros por conta do interesse mais ou menos intenso, da crença mais ou menos radical, do aprofundamento nas bases de conhecimento mais ou menos profundas, um nível de fidelidade mais ou menos aprovada pela comunidade entre outros pontos pelos quais se possa analisar a diversidade ou homogeneidade de uma determinada comunidade. Estas distinções entre os indivíduos precisam ser levadas em conta quando comparamos as ideias que este grupo defende com a maneira que este mesmo grupo se comporta. Com os evangélicos não poderia ser diferente. Procuraremos considerar tais aspectos para compreender como os evangélicos entendem o Evangelho.

Ao analisar as consequências daquilo que foi originado por Cristo e nos voltando para o mundo moderno, objetivamos pesquisar através da literatura disponível e artigos, se esta mensagem se mantém original na mente e nas atitudes dos evangélicos, se tem causado ainda algum impacto na sociedade além das notícias da mídia até ao ponto de promover uma transformação cultural e comportamental, posto que compõe a população brasileira em proporção significativa e quais os caminhos para promover um discipulado mais eficiente.

Parte-se da hipótese de que o contexto social, cultural, econômico e político que envolve a cristandade em nossos dias tem ofuscado a essência da mensagem original do evangelho nas mentes de grande parte dos evangélicos prejudicando seu entendimento, sua prática e seu debate, tendo sido substituídos por um modo de vida mais influenciado pela secularidade do que lhe causando impacto.

Com base bibliografias e fontes de pesquisas disponíveis vamos traçar um panorama de como os evangélicos entendem o evangelho.

Assim, tratar-se-á de um estudo exploratório, que utilizará primeiramente a pesquisa bibliográfica, fazendo uso de livros, artigos, documentos oficiais e leis que tratam das diferentes denominações evangélicas no Brasil e uma possível comparação com crentes estrangeiros, encontrado na biblioteca da Faculdade de Pindamonhangaba e em sites especializados, principalmente no Scielo, partindo-se das palavras-chave: evangelicalismo, discipulado, Evangelho, protestantismo.

Após coletados, os dados serão avaliados e categorizados com a finalidade de assim podermos enriquecer e concluir nossa pesquisa. Os dados serão tratados principalmente de modo qualitativo, mas sempre que possível, também serão apresentados quantitativamente, por meio de gráficos e/ou tabelas, para facilitar a visualização dos números encontrados.

## **2 MÉTODO**

Para o desenvolvimento dessa monografia, adotou-se como percurso metodológico a pesquisa bibliográfica. Quanto à abordagem, optou-se por uma análise teórica, ancorada nos seguintes procedimentos: Pesquisa Bibliográfica a partir da revisão de literatura sob a temática abrangendo enciclopédias, coleções, livros, artigos revistas e jornais. Enquanto a pesquisa documental valeu-se de informações colhidas de trabalhos públicos e privados.

## **3 REVISÃO DA LITERATURA**

Segundo escreveu o apóstolo Paulo é o "poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Romanos 1:16). Mas o que esta declaração guarda em seus desdobramentos? Quais os resultados práticos da ação do Evangelho na vida de alguém que recebe sua mensagem?

### **3.1 O que é o evangelho**

O evangelho tem uma mensagem e incorre em transformações e resultados na vida de quem crê nele. É a resposta de Deus para o estado do homem, que em sua condição de pecador, encontra-se distanciado de seu Criador e sujeito à Sua ira e a conseqüente condenação eterna (Romanos 3:23).

A palavra em português evangelho, que chegou a nós através do latim *evangelii*, deriva da palavra grega *euangellion*, que quer dizer “boa notícia ou boa-nova”, sendo uma junção de *eu* (bom) + *angellein* (anúncio, mensagem) e que pode significar “uma boa mensagem.” Para a narrativa bíblica, o último significado está em harmonia com a palavra grega traduzida por “evangelho”, significando “uma mensagem sobre Deus” ou, simplesmente, as “boas-novas.” Em grego secular, *euangellion* referia-se a um bom relatório sobre um evento importante. Os quatro Evangelhos são a boa notícia sobre os eventos mais significativos em toda a história: a vida, a morte sacrificial e a ressurreição de Jesus de Nazaré. (MACARTHUR, 2019, p. 1935).

Segundo D. A. Carson (1997), a mensagem do evangelho é que somente Deus pode transformar a situação da humanidade e, de forma gratuita, justifica o pecador mediante o sacrifício de Seu Filho Jesus Cristo (Romanos 3:24). Esta justificação só é possível mediante a fé (Romanos 5:1). O evangelho, como poder de Deus para a salvação, implica em que, uma vez justificado, o pecador tem paz para com Deus e está livre do juízo. Essa paz é através do relacionamento com Jesus Cristo que conquistou a vida eterna para aqueles que creem em Seu nome. Apesar destas riquezas alcançadas gratuitamente, ainda resta uma luta diária contra “o pecado, a lei, a morte e a carne”. Por meio do Espírito de Deus, o crente tem absoluta certeza de que tem sua vitória assegurada e o trabalho de restauração em sua vida é constante até o dia de sua glorificação (Romanos 8:18-39). D. A. Carson prossegue afirmando que o evangelho é transformação de vida pois a graça recebida estimula a entrega sacrificial ao serviço de Deus através dos múltiplos dons concedidos por Deus a seu povo, estimulados pelo amor divino.

### **3.2 Quem são os evangélicos**

Não se pode traçar alguma visão acerca dos evangélicos sem partir da histórica Reforma Protestante. Martinho Lutero nasceu em Eisleben, Alemanha, no ano de 1483. Era de família camponesa. Naquela época o tema da salvação e da condenação permeava todo o ambiente. Ele entendia que mesmo que fosse a vontade de seu pai que se tornasse advogado, a vida futura, a salvação, dependia de quanto se interessasse por ela agora. Assim, ingressou para o mosteiro agostiniano de Erfurt aos 22 anos. Apesar de uma atitude sincera e grande temor diante do sagrado, Martinho Lutero ainda não havia encontrado a segurança ou a garantia de que era um homem salvo de fato. Nem a penitência, nem as confissões, nem os flagelos ao próprio corpo, lhes davam a certeza do perdão dos seus pecados, que ele entendia ser um estado de vida. Através do misticismo, encontrou algum alívio pois aprendeu ali que bastava amar a Deus e esse amor restauraria todo o resto. Sua visão de Deus

era deus um ser tão rígido como foram seus pais e mestres que o castigavam a extremo. Como poderia amá-lo? Lutero considerou em seu coração que na verdade odiava a Deus. Lutero tinha um confessor que também era seu superior, Johann von Staupitz, que vendo a encruzilhada em que estava, o encarregou de dar aulas sobre as Escrituras na Universidade de Wittenberg. Decisão que surpreende pois Lutero não se encaixava num perfil pastoral adequado, mas foi a partir daí que começou uma nova etapa em sua vida. Em 1515, começou a dar aulas sobre a epístola aos Romanos, se deparou já no primeiro capítulo com a expressão “o justo viverá pela fé” (Romanos 1.17). O verso em questão se inicia com outra expressão que transtornava o monge, “no evangelho a justiça de Deus se revela”. A justiça de Deus, para ele refletia o castigo de Deus sobre o pecador do qual tentava escapar sem sucesso. Não podia ligar isso com o restante do versículo – “o justo viverá pela fé?”. (GONZALES, 1995).

A resposta foi surpreendente. A "justiça de Deus" não se refere aqui, como pensa a teologia tradicional, ao fato de que Deus castigue aos pecadores. (...) Quer dizer sim que, tanto a fé como a justificação do pecador, são obras de Deus, dom gratuito. Em consequência, continua comentando Lutero sobre sua descoberta, "senti que havia nascido de novo e que as portas do paraíso me haviam sido abertas. As Escrituras todas tiveram um novo sentido. E a partir de então a frase "a justiça de Deus" não me encheu mais de ódio, mas se tornou indizivelmente doce em virtude de um grande amor". (GONZALES, 1995, p. 50)

Não de imediato, Lutero fez conhecer sua nova visão acerca das Escrituras. Antes passou bom tempo convencendo apenas os colegas de Wittenberg. Somente em 31 de outubro de 1517, data que passou a ser conhecida como marco da Reforma Protestante, propôs 95 teses para debate nas portas da universidade. A Reforma teve diversos desdobramentos políticos, sociais, econômicos além do estabelecimento de novos conceitos na educação. Foi um fenômeno que teve precursores antes de Lutero e outros reformadores como João Calvino, que contribuíram para manter acesa esta chama que se espalhou pelo mundo e pela história. (GONZALES, 1995).

A teologia dos reformadores colocou em xeque o poder espiritual, exercido pelos sacerdotes e, no grau mais alto, pelo Papa, e o poder temporal, cujos detentores eram os príncipes e os reis. Com seu arcabouço teológico e filosófico, [...] os reformadores agradaram aos príncipes descontentes com a submissão à Igreja Católica (LAGO, apud KINCHESCKI, 2018, p. 34).

De acordo com Augustus Nicodemus Lopes,

"a Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico", posto que objetivou fazer com que a regra de fé e conduta voltasse a ser a palavra de Deus, e não a crença no absolutismo e na infalibilidade papal ou de concílios (apud KINCHESCKI, 2018, p. 35).

A liberdade é o princípio chefe da Reforma Protestante. Lutero afirmou que o cristão, ao mesmo tempo que é um ser livre e não sujeito a ninguém, deve ser um servidor sujeito a todos. Não depende de nenhum tipo de mediação para se referir a Deus pela fé. A salvação é uma particularidade de cada homem e sua conduta religiosa tem na Bíblia sua única medida cuja leitura é livre e independente. (MENDONÇA, 2005, p. 51).

A chegada do protestantismo no Brasil se deu com a chegada da família real portuguesa em 1808. A posição dos portugueses de neutralidade entre Inglaterra e França fez com que Lisboa fosse atacada por Napoleão Bonaparte. Foram escoltados por navios ingleses, os milhares de nobres e funcionários da corte. Aos ingleses que então alcançaram posição de destaque no Brasil, foi permitido o culto em seu rito protestante em seus navios aqui ancorados.

De fato, essa inserção ocorreu de duas formas, com o protestantismo de imigração, também chamado de protestantismo de colônia ou étnico, como, no caso, dos luteranos oriundos de territórios que posteriormente formaram a Alemanha, onde a Igreja foi totalmente trazida da Europa para o Brasil, como na comunidade de Nova Friburgo – RJ, de 1824 ; e o protestantismo de missão, aonde o missionário vindo do exterior, procurava realizar a obra missionária, buscava converter os brasileiros, sendo apoiado normalmente pelas Sociedades Bíblicas. Dentro dessa perspectiva, podemos citar, a Igreja Congregacional (com o missionário escocês Robert Kalley, em 1855, no Rio de Janeiro), a Igreja Presbiteriana (com o missionário estadunidense Ashbeel Green Simonton, em 1859, também no Rio de Janeiro) e a Igreja Batista (com Willian Bagby e Zacharias Taylor, em Salvador - BA, em 1882). (PAEGLE, 2005, P.2)

Os protestantes no Brasil desde o século XIX preferiam ser conhecidos por “evangélicos”. Imprensa Evangélica era o nome do primeiro jornal protestante no país. Já em 1934, foi fundada a Confederação Evangélica do Brasil. Nesta época havia um alvo, unir em uma só todas as igrejas protestantes no Brasil. Um livro considerado o clássico do “unionismo”, O Magno Problema. Escrito pelo pastor presbiteriano independente Epaminondas Melo do Amaral (1893-1962), faz uma crítica à estrutura do protestantismo brasileiro que adotou o modelo norte-americano de múltiplas denominações. A Confederação Evangélica conseguiu representar os protestantes em alguns momentos no país, como por exemplo na nomeação de capelães militares para o Exército durante a Segunda Guerra Mundial. Por outro lado, as diferenças teológicas foram sendo elevadas. Não era possível conciliar aqueles que foram tocados pelo protestantismo liberal e ecumênico (acusados de simpáticos ao comunismo), influenciados pela tese do “evangelho social” que visava um cristianismo

de demandas imediatas dos problemas dos menos favorecidos com os radicais ortodoxos que defendiam um fundamentalismo que “se define pela defesa da ortodoxia protestante a respeito da Bíblia como infalível e acima de qualquer reinterpretação que parta da ciência moderna, principalmente do evolucionismo”. Até a metade do século XX (1916-1952), as teologias se multiplicavam. O pós-guerra despertou ideias de um cristianismo atuante na sociedade e no mundo. Uma visão mais razoável do que o abismo entre o cotidiano das igrejas e os problemas sociais recorrentes da época. Os estudantes de teologia descobriram teólogos como A. B. Berkhof, A. H. Strong, Karl Barth, Emil Brunner, Rudolf Bultmann e, com o destacado Dietrich Bonhoeffer, um caminho que superava a religião e a própria igreja, a Teologia Radical. Nasce a politização da juventude das igrejas protestantes. Este era o cenário da época: o fundamentalismo do Conselho Internacional de Igrejas e o ecumenismo no Conselho Mundial de Igrejas. O pentecostalismo incide com grande força sobre as igrejas tradicionais com sua “Cruzada Nacional de Evangelização” promovida pela Igreja do Evangelho Quadrangular (1952-1962). O país encontrava-se num movimento migratório do campo para as cidades. As pessoas buscavam uma religião com respostas mais práticas e imediatas, surgem então novas igrejas nestes moldes, dentre as quais as neopentecostais. A polarização estava definida entre protestantes progressistas e conservadores e o neopentecostalismo trazendo impactos nos membros de todas elas (1962-1983). (MENDONÇA, 2005)

Uma nova classe de protestantes chega ao Brasil no início do Século XX, os pentecostais. Estes tomam este nome devido ao que aconteceu no dia de Pentecostes na origem da Igreja cristã, quando houve a descida do Espírito Santo (FREESTON, 1994).

As igrejas pentecostais no Brasil chegaram em três grupos a partir de 1910 com a Congregação Cristã na capital paulista e a Assembleia de Deus em 1911, por sua vez, em Belém do Pará. O segundo grupo era focado em cura divina. Em 1950 os americanos da “International Church of The Foursquare Gospel” iniciam a Cruzada Nacional de Evangelização, atraindo grandes multidões e culminando na organização da Igreja do Evangelho Quadrangular em São Paulo no ano de 1953. Assim, também surgiram Brasil Para Cristo (1955, SP), Deus é Amor (1962, SP) e Casa da Bênção (1964, MG). O terceiro grupo foi o dos neopentecostais na segunda metade dos anos 1970 com a Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em

Cristo (1986, SP), todas fundadas por pastores brasileiros, estão entre as principais deste segmento. (MARIANO, 2004).

### **3.3 Estudos avançados - expansão**

Segundo Mariano (2004) os neopentecostais se reconhecem assim:

No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo. (MARIANO, 2004 p. 124).

Este rompimento com os costumes dos pentecostais tradicionais fez com que os neopentecostais estivessem liberados para um cotidiano distante do ascetismo comum da maioria dos crentes brasileiros no que diz respeito à forma de se vestir, uso de cosméticos, frequentar praias, piscinas, cinemas, teatros, estádios de futebol, assistir programas de tv e ouvir diferentes ritmos musicais. No entanto, práticas como o alcoolismo, tabagismo, drogas e sexo fora do casamento e o homossexualismo, continuam sendo proibidas. Esse posicionamento tem sido lentamente absorvido pelas igrejas pentecostais com exceção da Deus é Amor, que continua firme em seus usos e costumes.

A teologia da prosperidade presente nas igrejas neopentecostais traz alguns problemas para as demais igrejas, gerando certo desconforto em relação à questão financeira, pois as igrejas em geral acabam sendo agrupadas como “evangélicas” e ficam à sombra da imagem das igrejas que pregam a prosperidade. (SOUZA, 2014, p. 74).

Conforme ensina Menezes (2010),

Assim, a identidade protestante, segundo apontam pesquisas de estudiosos da religião, está em patente colapso, sendo que a pentecostalização e neopentecostalização das igrejas protestantes históricas tem contribuído substancialmente para este fenômeno (apud RABUSKE et al., 2012, p. 262).

Assim, a identidade dos evangélicos vem sendo transformada desde as bases tradicionais protestantes por esta influência do movimento pentecostal e neopentecostal.

### **3.4 O que diz o evangelho e o que diz o evangélico**

Em seu livro, A Guerra Pela Verdade, John MacArthur, discorre sobre os constantes ataques que a mensagem original do evangelho vem sofrendo desde o início de sua anunciação. Nos tempos atuais a própria igreja se tornou um campo de batalha. No seio da igreja existem cristãos distintos além das denominações. Agora

estão divididos em posicionamentos pós-modernos que consideram que a certeza é sinal de arrogância e a teologia deve estar num fluxo constante de uma opinião aberta a mudanças. Poucos crentes estão preparados para este enfrentamento.

O fato de que o nosso conhecimento torna-se mais pleno e mais profundo - e que todos nós mudamos de opinião a respeito de algumas coisas, à medida que obtemos cada vez mais discernimento - não significa que tudo quanto sabemos seja incerto, obsoleto ou passível de uma revisão completa, de poucos em poucos anos. (MACARTHUR, 2008, p. 52)

A verdade é a expressão da realidade segundo Thomás de Aquino (1225-1274). O cristianismo autêntico tem por conceito essencial que as proposições objetivas, distintas, conhecíveis e autoritárias precisam ser tomadas por verdadeiras. Sem este fundamento a religiosidade fica sem bases firmes. É dever da igreja, "coluna e baluarte da verdade" (1 Tm 3.15), sustentar a verdade diante das interpretações mundanas que se opõem ao conhecimento de Deus. Sem isso, isto é, o combate à apostasia, o superficialismo e a hipocrisia se estabelecem em todas as esferas da igreja desde os seminários, denominações e agências missionárias. Desde a Reforma, algumas doutrinas tais como a da justificação pela fé, o princípio da expiação vicária, autoridade absoluta e perfeita suficiência das Escrituras são consideradas inegociáveis e essenciais na mensagem autêntica do Evangelho, porém existe uma tolerância ou a valorização de um diálogo cortês com os apóstatas. (MACARTHUR, 2008).

O evangelho, que significa boas novas, afirma que Jesus, o Filho de Deus, abriu o caminho para o céu a todo homem quando derrotou o pecado com sua morte na cruz. A mensagem não se inicia com a oferta da oportunidade de escapar da punição eterna e de uma vida prazerosa aqui, ainda que isso faça parte da vida do convertido, mas com uma chamada ao arrependimento do pecador diante de Deus que é santo. Jesus mesmo pregou: "Arrependei-vos e crede no evangelho" (Marcos 1.15). Paulo escreveu aos romanos: "Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10.9). No Pentecostes, Pedro pregou: "Arrependei-vos, e sejam batizados cada um de vocês em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo "(Atos 2.38). João escreveu: "Aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sobre ele permanece" (João 3.36). O Evangelho afirma que todos pecaram e que ninguém pode ir para o céu por ser uma boa pessoa (Romanos 3.10-11). Do arrependimento da vida de pecado, chegamos ao centro da

mensagem do evangelho. Deus providenciou uma ponte sobre o fosso que separava os homens pecadores de sua santidade: a pessoa de Jesus Cristo. Ele é o Senhor de tudo, o Rei dos reis, Senhor dos senhores. "E, achado na forma de homem, humilhou-se e tornou-se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome "(Filipenses 2: 8-9). "Jesus Cristo; Ele é o Senhor de todos "(Atos 10:36). E ainda: Aquele que não tinha pecado se tornou um sacrifício pelos nossos pecados (2 Coríntios 5.21); Jesus derramou seu sangue como expiação do pecado (Efésios 1.7-9); Jesus morreu na cruz para fornecer o caminho de salvação para os pecadores (1Pedro 2.24); seguir a Cristo é negar-se a si mesmo e tomar cada dia sua cruz (Lucas 9.23); Jesus Cristo deve ser reconhecido como Senhor e Salvador (Atos 16.31). Assim o evangelho é algo que alguém aceita como se estivesse se alistando no exército. É preciso avaliar o custo da escolha porque pode custar caro. Sua liberdade, família, amigos, autonomia e possivelmente a própria vida. "A cruz é central para o Evangelho precisamente por causa de sua mensagem gráfica, incluindo o horror do pecado, a profundidade da ira de Deus contra o pecado e a eficácia da obra de Jesus Cristo na crucificação do velho homem" (Romanos 6.6). MACARTHUR, 2011)

### 3.5 Evangelismo

Os evangélicos brasileiros têm tido sua formação afetada pela disputa por fiéis entre as denominações que apresentam uma proposta mais ou menos atrativa de satisfação religiosa.

Assim, pressupondo que as denominações neopentecostais têm sido capazes de satisfazer a demanda religiosa dos leigos, a qual, por alguma razão, outras denominações religiosas não têm obtido êxito de conseguir, com eficácia similar, entende-se que os protestantes históricos, desejando recuperar o controle dos bens simbólicos - que vêm perdendo para o neopentecostalismo desde o final da década de 80, dentre eles a membresia - têm se adequado ao contexto mercantil de satisfação religiosa, por meio de práticas não tradicionais entre os protestantes históricos. s (MONTES, 1998 apud BARUSKE et al., 2012, p. 261)

Segundo Montes, o protestantismo brasileiro tradicional nunca incomodou seu principal "inimigo", o catolicismo. O crescimento dos protestantes foi discreto principalmente entre a classe média. Com a chegada e crescimento do pentecostalismo e, mais tarde, do neopentecostalismo, o cenário passou a ser mais preocupante. A Renovação Carismática Católica foi uma resposta a esse crescimento

e pluralização do campo religioso nacional com características tais como “baixo grau de institucionalização das igrejas, proliferação de seitas, fragmentação de crenças e práticas devocionais, seu rearranjo constante ao sabor das inclinações pessoais ou das vicissitudes da vida íntima humana de cada um”.

A liturgia tradicional protestante era mais voltada para a ordem, para a formalidade e para a razão em celebrações menos extravagantes. Esta também foi bastante impactada pelo crescimento do pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil. Esse impacto foi tão forte que levou à substituição gradativa de sua liturgia por práticas neopentecostais inclusive do próprio pentecostalismo que têm no Espírito Santo a causa central da operação de ações sobrenaturais, sem as ênfases da batalha espiritual e da Doutrina da Prosperidade (RABUSKE et al., 2012, p. 261).

O evangelicalismo é o maior responsável por atrair membros de outras religiões. Um dado importante, porém, é que existe uma migração entre as próprias denominações evangélicas, sendo que o fluxo mais pronunciado é para o pentecostalismo e o neopentecostalismo que tem menos ascetismo e mais misticismo. (FERNANDES et al, 1998, apud RABUSKE, 2012, p. 260). As igrejas neopentecostais fundadas na segunda metade dos anos 1970, como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Igreja Renascer em Cristo, têm como foco em suas reuniões a batalha espiritual contra o Diabo e os demônios, além da Teologia da Prosperidade que prega que o crente em Jesus deve ser feliz na saúde, na felicidade e nos negócios. Os cultos neopentecostais se focam numa pregação de soluções milagrosas para problemas do cotidiano, já que são capazes de intermediar forças sobrenaturais. (MARIANO, 2004, p. 124).

Entre o fim dos anos 80 e início da década de 90, as igrejas passam a se valer da mídia sobretudo na televisão e no rádio, além disso, promovem grandes encontros por todo o país, alcançando notoriedade e influência na sociedade brasileira. A música, denominada gospel, ultrapassa o círculo dos evangélicos e é conhecida entre as diversas classes econômicas e culturais (MENEZES, 2010, apud RABUSKE, 2012, p. 262)

Segundo Machen (2001), a Igreja de hoje está apresentando sinais de fraqueza e, entre muitas causas, uma é “perfeitamente clara – a admissão de grandes associações de pessoas que nunca fizeram uma confissão de fé realmente adequada e cuja atitude com relação ao Evangelho é completamente oposta à atitude cristã.”

Machen também considera que tais admissões tem acontecido no ministério da Igreja, em seus concílios e nas áreas de ensino, sendo assim, a grande ameaça à Igreja vem dos inimigos internos com a presença de um tipo de fé e prática que é contrária ao cristianismo autêntico.

Além disso, as Escrituras realmente ensinam, com clareza e coerência, a primazia da crença correta como o alicerce para o comportamento correto. Em outras palavras, o viver na retidão é apropriadamente visto como fruto da fé autêntica, e nunca, o inverso. As ações piedosas, destituídas de qualquer amor verdadeiro pela verdade, nem mesmo fazem parte de uma ortopraxia genuína. Pelo contrário, são a pior forma de justiça própria hipócrita. (MACARTHUR, 2010, p. 68).

### **3.6 A mensagem do evangelho na mente dos evangélicos**

A mensagem original está na mente dos evangélicos conservando sua fidelidade?

Segundo HARRIS (2013), ortodoxia é o pensamento correto sobre Deus. São verdades consolidadas e imutáveis, claramente ensinadas nas Escrituras e expressas nos credos históricos da fé cristã. A fé cristã histórica é diminuída se qualquer uma destas crenças for eliminada:

- Há um só Deus que criou todas as coisas
- Deus é trino – Pai, Filho e Espírito Santo
- A Bíblia é a palavra inerrante de Deus para a humanidade
- Jesus é o eterno Filho de Deus nascido de uma virgem
- Jesus morreu como substituto pelos pecadores para que fossem salvos
- Jesus ressuscitou dos mortos; Jesus retornará um dia para julgar o mundo

Segundo FEE e STUART (2011), há quem diga que a Bíblia não precisa de uma interpretação e sim de que seja obedecida. Este é um argumento dos leigos contra os estudiosos de um modo geral pois dizem eles que a Bíblia não é um livro difícil de entender. Isto seria justificável desde que seja corretamente lida e estudada. Quando se procura interpretar as Escrituras, o leitor pode ser afetado por seu orgulho (querer parecer mais inteligente que os demais), pela falta de entendimento da espiritualidade (somente quem tem grande discernimento pode descobrir as verdades mais profundas) ou por seus interesses particulares (quando se busca fundamentar um pressuposto teológico em face de textos que parecem ser contrários). O que se busca numa boa interpretação é: “chegar ao significado claro do texto”. Apesar de uma simples leitura poder nos dar este significado claro, a natureza do leitor e a

natureza da Escritura são fatores de grande peso no processo conforme mostram os referidos autores:

A “natureza do leitor” impõe sobre sua leitura, elementos de sua formação cultural. A tradução que ele tem em mãos é resultado de escolhas de eruditos quanto aos significados dos termos originais que possam ser entendidos no idioma para o qual se está traduzindo o texto. Termos como “desejos da carne”, que é comumente entendido como “desejos físicos”, foi mais usado por Paulo como “natureza pecaminosa” ou uma existência totalmente egocêntrica. Sem essa consciência o leitor é levado a uma interpretação errada. O significado claro de um texto pode ser diferente entre dois leitores. Para um o batismo por imersão, para outro o batismo de crianças, ou ainda a “segurança eterna” ou a possibilidade de “perder a salvação”, estariam claros nos textos referenciados. Porém, através de uma seleção de passagens bíblicas, a verdade é distorcida e surgem as heresias todas baseadas em textos da Bíblia. O evangelho da prosperidade, segundo alguns de seus defensores, se baseia no “significado claro” do texto de 3João 2: “Amado, acima de tudo, desejo que tenhas prosperidade e saúde, assim como tua alma é próspera”. A prosperidade aqui não é prosperidade financeira. O significado claro pode ser somente o que alguém quer que o texto signifique para apoiar o que pensa.

Já a “natureza da Escritura” tem sido compreendida assim como é a pessoa de Cristo, ou seja, humana e divina. “É a Palavra de Deus apresentada em palavras humanas na história”. Tem sua relevância eterna, mas também sua particularidade histórica. São verdades eternas inseridas nas circunstâncias e eventos da história humana que as tornam próximas de nosso contexto “real”. O que foi dito dentro de um contexto local e histórico precisa ser entendido pela exegese (significado original e pretendido) e o que isto significa aqui e atualmente é o alvo da hermenêutica (significado contemporâneo de um texto antigo).

Para Romeiro (1999), existe uma crise em curso no meio do povo evangélico contemporâneo baseada na falta de discernimento. Existem crentes que depositam mais confiança em líderes religiosos ou determinados pregadores televisivos do que na Bíblia. Esta falta de discernimento atinge tanto líderes quanto liderados. Segundo ele mesmo testemunhou, existem evangélicos enviando dízimos para a Legião da Boa Vontade sem entender que se trata de uma seita espírita. Pastores ministrando aulas na Escola Dominical usando revistas das Testemunhas de Jeová e Seicho-No-Iê e

ainda outros que dão acesso ao púlpito a mórmons porque se apresentam como missionários norte-americanos.

O grito da reforma protestante de Sola Scriptura, Sola Gracia, Solo Christus e Sola Fide foi uma convocação para a volta à Bíblia Sagrada como a única regra de fé e prática. Nenhuma experiência, sonho ou visão, pode estar acima do fundamento sólido da Palavra de Deus. Ao contrário, todas as experiências devem ser cuidadosamente avaliadas à luz das Escrituras. Foi por questionar a legitimidade do evangelho pregado por Roma que muitos crentes no passado sofreram torturas e perderam suas vidas na fogueira de várias outras formas. É chocante ver hoje os filhos da Reforma protestante de mãos dadas com um Evangelho rejeitado pelos reformadores, muitos dos quais preferiram morrer a aceitar tais doutrinas. (ROMEIRO, 1999, p. 29)

Outro aspecto desta crise, segundo Romeiro é a questão da ética cristã que fica abalada quando a legítima teologia bíblica não é levada a sério. Quando participava de uma reunião em São Paulo numa instituição evangélica para se definir um plano para ampliação do prédio, ouviu a sugestão por parte de um determinado pastor que se fizesse isso de maneira célere e oculta, uma vez que tal a obra seria ilegal. Romeiro questionou sobre a ética daquilo ao que o referido pastor respondeu: "...no dia em que você dirigir uma igreja como eu, vai jogar a Bíblia e a ética fora".

A questão doutrinária também é tratada por Romeiro como elemento da crise a que se refere. Ele aponta ensinamentos como o da teologia da prosperidade, desvios na área da batalha espiritual e maldições hereditárias. Embora considere irmãos em Cristo, mesmo aqueles que, segundo ele, têm posições doutrinárias diferentes das suas, em seu livro "SuperCrentes" ele os denuncia com suas doutrinas controversas. Os líderes evangélicos são pessoas influentes na formação do pensamento desta denominação cristã e diante disso Romeiro argumenta que não pode haver outra revelação além daquilo que na Bíblia revelado já está. A fim de apontar uma ferramenta na escolha de uma instituição de ensino teológico que se mantenha dentro da genuína doutrina bíblica, o referido autor apresenta a "AETAL – Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina que tem como visão consolidar-se "como a associação referência das instituições teológicas de toda a América Latina". Além desta informação em seu site, a AETAL apresenta seu quadro de referência com nomes como Dr. Luiz Sayão, Dr. Augustus Nicodemus, Pr. Esequias Soares entre outros doutores sul-americanos e sua declaração de fé.

Quanto mais o cristão compreender a Palavra de Deus, mais facilmente ele poderá distinguir a verdade do erro. Nem todo crente é chamado para ser um

erudito da Bíblia, mas todo crente pode e deve estudar a Bíblia em profundidade e adquirir um entendimento adequado dos seus ensinamentos. (ROMEIRO, 1999, p. 205).

Como afirma Ortiz (1980), a centralidade da pessoa de Jesus vem perdendo cada vez mais ênfase. O homem sim tem recebido privilégios desde como são preparadas as liturgias, as mensagens e até os móveis no ambiente de culto. As músicas como “Conta as bênçãos!”, “Cristo é meu!”, “Estou feliz com Jesus!”, seguem o mesmo contexto das orações onde “eu”, “nós” e “nosso” estão mais presentes do que “tu”, “teu” e “vosso”. A duração das celebrações é mensurada para não causar desconforto aos participantes. Outra coisa é que as pessoas têm sido convidadas a “aceitar” a Jesus como seu salvador. Ortiz entende que é na verdade Cristo quem aceita os pecadores. O Salvador tem sido oferecido como alguém que está recebendo um grande favor dos homens e que está pronto a negociar suas bênçãos com aqueles que o aceitarem e derem alguma coisa, como ofertas financeiras, por exemplo. O evangelho onde o homem é o centro pode favorecer as opiniões de Karl Mark quando afirmou que a religião seria o ópio do povo. Isso pode ser verdade quando a religião se torna um lugar para onde as pessoas fogem. Quando Jesus está no seu lugar central, que o de senhor, prossegue Ortiz, é visto como aquele que a quem se vai ao encontro, entrega-lhe a vida e obedece a suas ordens. Assim como no período medieval se acreditava que a Terra era o centro do Universo, as mentes precisariam ser renovadas para entender que não é o homem que está no centro da adoração e sim Deus, assim como o sol é o centro gravitacional dos planetas. Ortiz chama isso de “Quinto Evangelho”, onde o homem “faz se quiser, mas se não quiser, está tudo certo também”, já que Cristo não é o Senhor.

Nas questões da vida política no Brasil, conforme expõe Costa (2016 p. 59 apud Campos 2006, p. 36), nas eleições realizadas depois da abertura democrática, as câmaras estaduais e municipais, além dos governos e o congresso nacional perceberam um bom aumento de políticos que se valeram do discurso religioso na campanha eleitoral. As comunidades evangélicas são estimuladas a eleger candidatos que recebem a incumbência de sua liderança de serem representantes de suas próprias entidades religiosas. A partir da possibilidade de se ter representação no Congresso Nacional, já se percebe que as aspirações por uma sociedade transformada para o ideal cristão já são possíveis para esta vida e não

necessariamente no porvir. Com isso, a ideia de que não existe compatibilidade entre fé e política vai perdendo sua força.

Durante muito tempo, líderes pentecostais consideravam suja a atividade política, denunciavam os “candidatos de porta de templo”, que apareciam apenas em épocas de eleições e que, depois de eleitos, se fechavam aos interesses das bases que os elegeram, ou simplesmente fingiam atendê-las dando nome de seus mortos ilustres a escolas, praças e ruas. A essa percepção crítica dos políticos evangélicos acrescentou-se a crítica moralista dos neopentecostais, quase todos eles oriundos das camadas mais baixas das classes médias. Assim, portando um discurso mais moralista, eles desenvolveram uma repulsa aos “políticos evangélicos” tradicionais, acusados de transgirem em seus princípios morais para defender interesses próprios ou de grupos “incrédulos”. (CAMPOS, 2006 p. 9)

Ainda com respeito aos posicionamentos políticos dos líderes cristãos que interferem diretamente na vida de suas comunidades ou denominações, afirma Weber,

De modo natural, e em toda parte, o anseio de salvação genuinamente místico e carismático dos virtuosos religiosos teve um sentido apolítico ou antipolítico. Estes anseios de salvação admitiram com rapidez a autonomia da ordem temporal, mas fizeram isso apenas para inferir de modo consistente sua peculiaridade puramente demoníaca ou pelo menos para tomar uma atitude de total indiferença, a qual articulada na frase: "Dai a César o que é de César" (pois, que importa isso para a salvação?). (2015, p. 64)

### **3.7 O ensino das escrituras**

Em Lausanne, Suíça, aconteceu no ano de 1974 o Congresso de Igrejas Evangélicas Mundiais. Representando 150 países, 2700 pessoas estavam participando. Com a responsabilidade de gerar entendimentos quanto a missão da igreja na contemporaneidade um comitê foi criado. Este comitê também recebeu a incumbência de levar a palavra de Deus para as nações. Segundo Maringoli (2015, p. 44), chegou-se ali ao reconhecimento de que algo está errado na qualidade da Educação Cristã no mundo evangélico.

Confessamos, que às vezes temos nos empenhado em conseguir o crescimento numérico da igreja em detrimento do espiritual, divorciando a evangelização da edificação dos crentes. Também reconhecemos que algumas de nossas missões têm sido muito remissas em treinar e incentivar líderes nacionais a assumirem suas justas responsabilidades. Contudo, apoiamos integralmente os princípios que regem a formação de uma igreja de fato nacional, e ardentemente desejamos que toda a igreja tenha líderes nacionais que manifestem um estilo cristão de liderança não em termos de domínio, mas de serviço. Reconhecemos que há uma grande necessidade de desenvolver a educação teológica, especialmente para líderes eclesiais. Em toda nação e em toda cultura deve haver um eficiente programa de treinamento para pastores e leigos em doutrina, em discipulado, em evangelização, em edificação e em serviço. Este treinamento não deve depender de uma metodologia estereotipada, mas deve se desenvolver a

partir de iniciativas locais criativas, de acordo com os padrões bíblicos. (Pacto de Lausanne, 1974)

Para a educação cristã, o que se espera alcançar é que o aluno seja conduzido ao relacionamento com Deus e à prática do bem como fruto dos valores cristãos. O ensino das doutrinas deve levar o cristão a um crescimento e desenvolvimento em que ele possa bem se situar dentro das demandas da realidade humana.

### **3.8 Educação cristã**

As Escrituras são a referência central para o desenvolvimento dos métodos educacionais e objetivos de aprendizagem dentro da cultura de cada grupo social. Desde o Antigo Testamento, vemos isto que objetiva o envolvimento com a verdade e a ênfase de que a educação dos filhos venha primeiramente dos pais conforme o que se lê no livro de Deuteronômio capítulo 31 e verso 12: “Reúna o povo, os homens, as mulheres, os pequeninos e os estrangeiros que vivem em suas cidades para que ouçam e aprendam...” Segundo os documentos do Pacto de Lausanne, houve uma dissociação entre o evangelização e a edificação dos crentes. O exercício do amor cristão depende da maturidade espiritual. O discipulado depende totalmente do ensino como era na igreja primitiva para a edificação na fé nos relacionamentos. Aprender a assimilar a verdade (“lamath” no hebraico). É no discipulado que se aprende através do compartilhamento das experiências, estando junto na caminhada, ensino na prática que fala mais alto que as palavras. O evangelismo deve andar de mãos dadas com o discipulado, ou este tipo de ensino que envolva o discípulo com a verdade em seu cotidiano e sua cultura, porém dentro dos parâmetros da cultura cristã. Assim, esta educação cristã deve levar os líderes cristãos a voltar ao compromisso de estimular o povo de Deus ao crescimento espiritual vivido dentro de sua realidade culturalmente nacional e continental.

Como explica Piper (2009), ao que classifica como ministério doméstico, as questões ligadas ao evangelismo, saúde, pobreza, fome, desemprego, aborto, mães desassistidas, filhos rebeldes, pornografia, abuso infantil, divórcio, higiene, educação em geral, abuso de drogas e alcoolismo, problemas ambientais, crimes, prisão, abuso moral na mídia, negócios e política, devem ser abordadas dentro de suas respectivas culturas e em todos os níveis sociais. O sal e a luz, o amor e a justiça de Jesus salvando almas e satisfazendo necessidades.

Conforme observa Hendricks (1991), Jesus também passou pelo processo do desenvolvimento (Lucas 2.52). Assim compreende seu crescimento:

- Ele crescia "em sabedoria": desenvolvimento intelectual.
- Crescia em "estatura": desenvolvimento físico.
- Crescia em "graça, diante de Deus": desenvolvimento espiritual.
- E crescia em graça diante "dos homens" é referência ao crescimento social e emocional.

### **3.9 A base central**

Contudo o ensino cristão deve ter sua âncora nas Escrituras e em sua mensagem central – o evangelho da justificação. Piper ainda argumenta que os pastores deveriam meditar “dia e noite” sobre os ensinamentos do apóstolo Paulo. Este ensino “glorifica a Cristo, resgata os pecadores desesperados, encoraja santos imperfeitos e fortalece igrejas frágeis”. Piper lembra das palavras de Martinho Lutero: “Esta doutrina é a cabeça e a pedra fundamental. Por si só, ela gera, alimenta, edifica, preserva e defende a igreja de Deus; e sem ela, a igreja de Deus não poderia existir nem por uma única hora”. A justificação pela fé tira do pecador a “ética do devedor”. A justificação pela fé é um dom gracioso e gratuito, de maneira que se aquele que a recebe tentar restituir Deus, contrariaria este princípio. Assim sendo, o pecador é um eterno recebedor e nunca um doador. Este reconhecimento e a alegria pelo presente de valor incalculável recebido gratuitamente, faz do cristão alguém que viva de forma “a honrar a natureza e o desígnio da boa vontade de Deus”.

Para Hendricks (1991), todo aquele que ensina deve também ser um aprendiz. Nesta condição, ao desempenhar o magistério, terá uma experiência diferenciada e pessoal. Além disso, a educação que visa a transformação do aluno, deve ser ministrada por alguém que já tenha experimentado da mesma transformação. No caso da educação cristã, o poder da mensagem do evangelho já deve ter transformado o docente.

### **3.10 Por um discipulado eficaz**

"Todo aquele, porém, que for bem instruído será como seu mestre." (Lucas 6.40) Ao subir ao céu, Jesus deu uma ordem a seus discípulos, “vão e façam discípulos (Mateus 28.19).

Não há uma concordância na leitura pública na igreja, pois existem diversas traduções da Bíblia Sagrada, o que apenas evidencia que, para todo tipo de gosto das pessoas, há sempre uma proposta de tradução e comentário que se enquadre em todo tipo de gosto. O mal de tudo isso é que o cristão não pensa, pois já pensaram por ele, não se posicionam, haja vista que já se posicionaram por ele. Ele também não precisa estudar a Bíblia, porquanto já estudaram por ele. Basta-lhe apenas seguir os métodos e processos elaborados pelos outros. Devido a isso, pode-se perceber a manipulação orquestrada pelos líderes mal-intencionados e a estagnação de crescimento, enquanto somente os interesses referentes ao senso comum é que têm crescido assustadoramente, pois ninguém quer discutir sobre as questões associadas às células tronco, à clonagem humana e a muitos assuntos envolvendo a bioética, as quais surgem como uma tendência a ser notada na ciência pós-moderna. PEREIRA 2018 p. 141

Fazer discípulos ou discipular, segundo Dever (2016), é ajudar outras pessoas a seguir a Jesus. Ou ainda, “discipular é exercer uma boa influência espiritual sobre alguém, de modo deliberado, de forma que essa pessoa se torne mais parecida com Cristo”. A vida do discípulo é uma caminhada por uma estrada estreita, porém acompanhado por aqueles a quem se segue e por aqueles por quem se é seguido. Onde se ama e se é amado. O motivo que leva alguém a discipular outro é o amor de Deus que, através da obra de Cristo, se manifestou a alguém que, por sua vez, movido por este mesmo amor, deseja voluntariamente manifestá-lo a outrem. O segundo motivo para se fazer discípulos é a própria obediência àquilo que Jesus determinou no que é chamado de a “Grande Comissão” – “Portanto, ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a todas as coisas que vos ordenei. E eu estou convosco todos os dias até o final dos tempos” (Mateus 28.10, 20). Neste entendimento, afirma Dever, só é um verdadeiro discípulo quem faz discípulos. O discipulado acontece em grupo ou individualmente e todas as oportunidades devem ser aproveitadas mesmo quando a igreja não está reunida. À mesa, em atividades diversas, no mercado. Todo o encontro pode servir para orar, conversar, e ajudar-se mutuamente.

O lado mais interessante do trabalho com novos convertidos é que alguns, assim que aprendem uma verdade nova na Palavra de Deus, vão imediatamente colocá-la em prática. É que eles ainda não aprenderam as velhas manias que nós, crentes mais antigos, estamos cultivando. Quando nos deparamos com certas verdades, damos um jeito de passar de largo por elas. Sempre que encontramos algum ensino que nos desafia a modificar aspectos de nossa vida que não queremos mudar, arranjamos uma explicação qualquer; como por exemplo: "Ah, isso se aplica aos judeus!" É incrível a quantidade de coisas que jogamos em cima desse amado povo. (HENDRICKS 1991, p. 21)

Segundo Ortiz (1980), o discipulado eficiente ocorre quando o discípulo está sujeito a seu discipulador. Quando Jesus queria ensinar algo, ele dava uma tarefa a seus discípulos. Exemplo disso foi quando os enviou de dois em dois para que pregassem que estava próximo o reino dos céus (Mateus 10.6-8; 10, 11). Não foi através de sermões, o que seria para estimular os desobedientes, mas, ao obedecerem, os discípulos experimentaram uma formação através de tarefas concretas. Sem uma atitude de obediência, o discípulo seria alguém parecido ao sócio de um clube que tem direito a voto. As igrejas evangélicas são qualquer coisa parecida com isso atualmente no que diz respeito ao discipulado. Ao retornarem de sua missão, Jesus não lhes agradeceu, antes, ao ouvirem os relatos alegres, lhes deu outra ordem: "Alegrai-vos, não porque os espíritos se vos submetem, e sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus" (Lucas 10.20). Em outra ocasião, Jesus usou da repreensão como processo de ensino (Lucas 9.55). O discipulado tem as seguintes "leis".

### **3.11 Leis do discipulado**

Sem submissão não há formação.

"Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo", diz o texto de Efésios 5.21. "Obedecei aos vossos guias, e sede submissos para com eles; pois velam por vossas almas, como quem deve prestar contas" (Hebreus 13.17). Os discípulos devem ser ensinados. Se não atenderem devem ser exortados (aconselhados, advertidos). Se ainda assim não se corrigirem devem ser repreendidos com autoridade (apontar a falha com veemência).

Sem submissão, não existe formação.

Quem dá ordens a seus discípulos, deve estar submisso a outra pessoa. Ter autoridade significa estar sob autoridade em todos os degraus da cadeia de comando. Romanos 13.1 diz: "Não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas." Não é possível conservar autoridade de maneira independente.

Pode ser necessário começar uma nova igreja clandestina dentro da própria igreja, prossegue Ortiz, pois será difícil uma transição imediata do padrão tão enraizado nos "membros", até que se conheçam por "discípulos". Isto começa com

pequenos grupos chamados “células” ou “pequena comunidade” com cinco ou até oito pessoas que se reúnem em qualquer hora e lugar. Seus líderes ora estão compartilhando, ora estão sendo cuidados em outra célula para líderes. As células se debruçam sobre uma doutrina bíblica até que todos a estejam vivendo ou obedecendo.

### **3.12 A escala do crescimento**

Segundo Ortiz (1980) a maturidade dos cristãos se vê em situação delicada. As denominações se multiplicam a cada ano, estão divididos nos mais diversos grupos, em templos separados e ainda falam mal uns dos outros. Percebe-se um corpo dividido. Além dos itens citados ocorre que os crentes estão mais dispostos a receber do que a dar. Outra característica é a preferência pelos dons espirituais mais do que os frutos do Espírito. A falta de alimento sólido nas igrejas é um problema que começa nos seminários, escolas bíblicas e estruturas denominacionais. Quando alguém se converte é logo inserido no grupo dos catecúmenos, mas quem cuida dele depois disso? Chama-se de “evangelho completo” as doutrinas do arrependimento, fé, batismo, ressurreição dos mortos e o juízo eterno, mas Hebreus 6.3 chama isso de “princípios elementares dos oráculos de Deus”. A maturidade da igreja depende do amadurecimento dos pastores. Pastores que preparam pastores e ovelhas que geram ovelhas. Todos crescendo até a estatura de Cristo. Cada membro da igreja, à medida que cresce, pode ensinar aos mais jovens na fé, caso contrário, a cada novo convertido, “maior será o número de fraldas a serem trocadas ao mesmo tempo”. Em suma, todo cristão deve ser preparado para ministrar uns aos outros, tanto pastores quanto ovelhas.

No discipulado existe a figura dos pastores ou presbíteros que desempenham um papel fundamental. Estes homens devem, apesar de imperfeitos, ter o respeito e a confiança de toda a igreja. Seu exemplo deve ser seguido conforme diz o autor de Hebreus (13.7), ou seja, o líder da igreja local discipula os membros para discipular outras pessoas. No entanto cabe também à igreja perceber se estes líderes estão se desviando da Palavra de Deus e tomar as providências para que sejam rejeitados conforme o apóstolo Paulo escreveu aos Gálatas. “Mas mesmo que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie um evangelho contrário ao que nós vos pregamos, que seja maldito” (1.8). O crescimento espiritual, portanto, deve ser regra na igreja pois indica vida e o que está vivo, cresce. (DEVER, 2016)

Como afirma Hendricks (1991), “quanto maior o nível de envolvimento no processo de aprendizagem, maior o volume do conteúdo aprendido”. A educação cristã atualmente tem sido muito passiva. Se o cristianismo tem o poder de transformar vidas, a fim de serem conformes à imagem de Jesus Cristo, não é possível que as igrejas tratem a educação cristã com atividades que envolvam muito os educandos, mas que não façam sentido para eles. Os objetivos no processo educacional precisam ser bem definidos e assim perceber que os meios utilizados não são um fim em si mesmos. As metas a serem alcançadas precisam estar bem claras para todos os envolvidos. O envolvimento do discípulo o expõe ao exercício que, corretamente orientado, pode levá-lo ao aperfeiçoamento. A experiência não é necessariamente um fator determinante na formação do aluno, haja vista que nem sempre quem está vivendo uma situação destruidora como a dependência química, está ciente de que isto não é bom. Hendricks ensina que as experiências devem ser adequadamente avaliadas. O aprendiz que se envolve aprende mais porque participa mais, ainda que, fazendo coisas certas, aprende-se o que é certo. Ou ainda, o que chama de “lei da atividade”, “ouço e esqueço, vejo e guardo na memória, faço e compreendo”. Outro ponto crucial no ensino é motivar o aprendiz de forma inadequada com o uso da mentira, ainda que de forma não intencional. Quando se promete “recompensas” por decorar muitos versículos, pode acontecer que as palavras acabem não fazendo sentido e sim uma lição como a do “segredo do sucesso”. O Jesus que resolve todos os problemas daqueles que o recebem, tem sido oferecido às pessoas e isto vem causando muita decepção com o evangelho. A motivação utilizada no ensino das Escrituras deve ser dentro de seu mais legítimo espírito. Motivações erradas no discipulado dão a falsa impressão de vitória, mas no fim vem a derrota diante do mundo.

### **3.13 O estudo bíblico**

MacArthur (2019) cita o apóstolo Paulo em sua segunda carta a Timóteo no capítulo 3, versos 16 e 17 onde se lê que “toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra”. Sendo a Palavra de Deus a única fonte de autoridade absoluta e divina para revelar os pensamentos e a vontade de Deus para a vida do homem, o estudo bíblico é fundamental para uma conduta irrepreensível, mesmo em meio a vasta literatura e

facilidades da internet. Segundo o autor, existe a necessidade básica de que aquele que pretende estudar as Escrituras deva ter reconhecido a Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador pessoal. O estudo bíblico pessoal é simples e deve basear-se também nestes outros fundamentos:

- a) A leitura repetida da passagem bíblica até que se compreenda sua verdade principal. Neste plano, anota-se o que ficou claro no texto e desenvolve-se uma pesquisa em outras fontes e comentários bíblicos. Os livros podem ser estudados por seções sem necessariamente obedecer a sua ordem sequencial.
- b) A interpretação do texto deve vir antes da aplicação, portanto seu significado deve ser bem fundamentado nas próprias Escrituras, sob a orientação do Espírito Santo, observando a passagem em seu sentido normal, literal, histórico e gramatical superando as barreiras linguísticas, culturais, geográficas e históricas.
- c) Ao concluir uma interpretação o estudante deve consultar livros e comentários para conferir se atingiu sua meta de forma eficiente. Ao final, deve aceitar a verdade da Palavra de Deus, mesmo que tenha que mudar seu padrão de vida.
- d) A aplicação é o resultado prático da interpretação. A aplicação pessoal é que leva o crente a crescer espiritualmente quando responde para si mesmo: “O que isso significa para a minha vida e como posso aplicá-lo de forma prática?”
- e) MacArthur por último indica que “correlacionar” as passagens bíblicas entre seus sessenta e seis livros revela que seus ensinamentos são repetidos numa variedade de maneiras e circunstâncias sendo este um fundamento de doutrina saudável.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No início do trabalho de pesquisa buscava-se compreender o que tem contribuído ao longo da história para a formação do entendimento dos evangélicos com relação ao evangelho e se eles estariam influenciando o povo brasileiro com seu modo de vida. No último censo disponível que é de 2010, dos 190,76 milhões de habitantes no Brasil, 42,3 eram de evangélicos. Um número tão expressivo de pessoas com um perfil de vida difícil de ser ignorado como o deste imenso grupo, estaria influenciando a vida dos demais compatriotas?

Tendo-se em vista que os evangélicos estão distribuídos entre diversas denominações e linhas teológicas, buscou-se saber se este fator estaria pesando sobre a maneira destes crentes entenderem a mensagem original do evangelho. Este objetivo geral foi atingido pois, segundo o que foi levantado nas pesquisas revelou-se que o evangelicalismo no Brasil sofre uma convergência para um modo mais

generalizado de comportamento. Desde a chegada definitiva no país no século XIX, o protestantismo tem sido diversificado a partir de múltiplas denominações. Já no século XX, surge o protestantismo fundamentalista, o liberal, o social. Com a chegada do pentecostalismo e posteriormente do neopentecostalismo, o evangelicalismo brasileiro tem sido levado a uma compreensão que ao mesmo tempo que é diversificada – as denominações tradicionais ainda lutam por suas tradições, apesar de seus membros diminuírem numericamente – é também generalizada pelo número de crentes doutrinados pela influência das igrejas que se utilizam da mídia e de ofertas de um cristianismo menos exigente e com soluções rápidas.

Sendo assim, este trabalho teve como objetivos específicos a pesquisa sobre:

Como o evangélico atual compreende o evangelho se comparado à sua mensagem original. Este objetivo foi atingido porque através das obras analisadas, mostrou-se que existe no meio evangélico brasileiro uma crise de discernimento tanto entre líderes quanto entre liderados, que perpassa pelas crises éticas e doutrinárias. Esta última das crises esbarra no fato de que, para que se tenha uma perfeita compreensão bíblica da mensagem do evangelho, depende-se de uma ortodoxia resultante de uma correta interpretação das Escrituras para se chegar ao seu claro significado. Somado a isto, vivemos na pós-modernidade naquilo que John MacArthur chama de “guerra pela verdade” em que a centralidade do Jesus dos evangelhos vem perdendo cada vez mais ênfase.

Se o evangelho é uma mensagem a ser divulgada, os evangélicos estariam, em uma visão generalizada, o proclamando com seu modo de viver e seus objetivos. As pesquisas aqui mostraram que majoritariamente a imagem do evangélico está divulgada de forma mais intensa nas mídias eletrônicas. Igrejas que divulgam seus trabalhos, políticos evangélicos em campanha eleitoral e em suas atuações nas casas legislativas (fé e política se tornaram compatíveis), as massas que se reúnem em grandes eventos além de um mercado de música e diversos produtos específicos. Isso tudo, de fato, atinge a opinião pública, porém no Brasil a grande maioria desses evangélicos são de denominações pentecostais e neopentecostais cuja ortodoxia vem sendo alvo de questionamentos. Se de um lado muitos chegam a ser admitidos nessas igrejas, uma adequada confissão de fé e atitudes coerentes com o cristianismo não são necessariamente exigidas. Outra perspectiva alcançada aqui é a de que as igrejas protestantes históricas têm se adequadado a algumas práticas dos neopentecostais para frear a evasão de membros.

Por último, sendo o discipulado o principal meio de propagação dos ensinamentos de Jesus Cristo (Mateus 28:19,20), quais os possíveis caminhos para que esta tarefa possa ser realizada. Neste destaque, observou-se que o discipulado eficaz parte da premissa de que a verdadeira mensagem seja pregada pelo discipulador e uma fé genuína nesta verdadeira mensagem seja manifestada pelo discípulo. Os autores tomados por referência nesta pesquisa concordam que a mensagem basilar do evangelho seja a do arrependimento para perdão de pecados. A cruz estaria no centro desta mensagem e uma entrega voluntário ao serviço do Salvador por amor e gratidão tiram o escape do inferno e uma vida próspera na terra como alvos preferenciais do homem. O Congresso de Igrejas Evangélicas Mundiais, declarou que a educação teológica voltada para a doutrina, o discipulado, a evangelização, a edificação e serviço deveria ser desenvolvida priorizando o crescimento espiritual em lugar do numérico. O discipulado com ênfase no cotidiano local viria a ser uma resposta mais cabida por parte da igreja em face dos problemas sociais em vez das soluções de um evangelho mercadológico.

Nossa hipótese era de que os contextos atuais teriam prejudicado o entendimento da mensagem e, portanto, os evangélicos teriam, de forma geral, migrado da condição de influenciadores para a de influenciados. Esta hipótese foi refutada, uma vez que a causa do prejuízo no grau de entendimento da mensagem original do evangelho deveu-se mais a fatores internos do que externos ou contextos atuais. Foi de líderes de dentro das igrejas que surgiram interpretações e práticas questionáveis que levaram os leigos a costumes e entendimentos distorcidos. Foi de dentro dos seminários que partiram algumas teologias dignas de refutação. Os contextos atuais, conforme foi apurado, influenciam o povo evangélico, em parte por fatores pessoais ou individuais e em parte por um afrouxamento das igrejas com relação a costumes que não eram próprios dos cristãos em face dos costumes da sociedade em geral. Este afrouxamento partiu sobretudo das igrejas neopentecostais.

Com relação ao problema levantado, a pergunta foi respondida quando inquiria sobre o que contribuiu para a formação do entendimento dos evangélicos com relação ao evangelho. O discipulado superficial ou inexistente e o neopentecostalismo que atrai as pessoas para um contexto aparentemente cristão, somados a uma edificação deficiente diante dos alvos de crescimento numérico, colocaram a autoridade das Escrituras em segundo plano, causando um prejuízo tremendo para o cristianismo.

Com relação ao entendimento do mundo em que vivem e sua influência no povo brasileiro, ainda faltaram elementos de pesquisa como entrevistas em maior escala para avaliar com mais pessoalidade as visões de mundo e como os cristãos que se mantêm dentro do cerne da fé cristã tem trabalhado suas convicções. Seria de grande valia prosseguir a pesquisa num tempo diferente dos atuais de crise sanitária. Aprofundar entrevistas com perguntas bem elaboradas por um grupo maduro de discussão na área de teologia, história, sociologia e outras ciências que possam ter interesse e contribuição. Após a pandemia, muitos questionamentos surgirão com base nas experiências vividas por toda a cristandade. Será um tempo de descobertas uma vez que nas crises, muito do que somos se mostra com mais clareza.

## REFERÊNCIAS

- AETAL – Associação Evangélica de Educação Teológica na América Latina. Disponível em: <https://aetal.com/>. Acesso em: 10 out. 2021
- CARSON, D. A.; DOUGLAS, J. Moo; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997
- DEVES, M. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus / Mark Deves; tradução Rogério Portella. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2016
- FRESTON, P. et al. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. In: Antoniazzi, A. et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 1994. cap. 2, p. 67
- GONZALES, J. L. **E até os confins da Terra**: uma história ilustrada do Cristianismo / Justo L. Gonzáles; tradução Itamir N. de Sousa. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas** / Howard Hendricks / tradução Miriam Talitha Lins. 1. ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1991.
- KINCHESECKI, D. R. **A Reforma Protestante e a Gênese do Estado Moderno**. 1. ed. Lisboa: Teneo Publishing House, 2018.
- MACARTHUR, J. F. **Evangelismo**: Como compartilhar o Evangelho com fidelidade. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2011
- MACARTHUR, J. **Comentário Bíblico MacArthur**: desvendando a verdade de Deus, versículo a versículo / John MacArthur; tradução de Eduardo Mano... [et al] – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- MACHEN, J. G. **Cristianismo e Liberalismo**. 1. ed. São Paulo: Os Puritanos, 2001
- MARIANO, R. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10028>. Acesso em 15 ago. 2021.
- MARINGOLI, A. Educação Cristã quarenta anos após o pacto de Lausanne: os desafios para a sociedade contemporânea. **Revista EDUC – Faculdade de Duque de Caxias**, v. 2, n. 2, p. 37-52, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.faculdadededuquedecaxias.edu.br/educ>. Acesso em: 24 out. 2021.
- MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 48-67, setembro/novembro 2005
- ORTIZ, J. C. **O Discípulo**. 6. ed. Venda Nova: Editora Betânia, 1980
- PAEGLE, E. G. de M. Uma breve análise historiográfica do protestantismo brasileiro e suas tendências atuais. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005,

Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. Disponível em:

<https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/category-items/1-anais-simposios-anpuh/28-snh23>. Acesso em 30 nov. 2021.

PIPER, J. **Irmãos, nós não somos profissionais**: um apelo aos pastores para ter um ministério radical / John Piper / tradução Lilian Palhares. 1. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

ROMEIRO, P. **Evangélicos em Crise**. 4. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999

RABUSKE, J. I., et al, Evangélicos Brasileiros: quem são, de onde vieram e no que acreditam? **Revista Brasileira de História das Religiões**, Porto Alegre, ano 4, n. 12, p. 255-267 jan. 2012. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/8264>. Acesso em 28 ago. 2021.

SOUZA, C. O protestantismo histórico e a “pentecostalização”: novos contornos da identidade evangélica. **Ciências da Religião: história e sociedade**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 61-90, dez. 2014. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/issue/view/441>. Acesso em 30 nov. 2021.

Autorizo cópia total ou parcial desta obra, apenas para fins de estudo e pesquisa, sendo expressamente vedado qualquer tipo de reprodução para fins comerciais sem prévia autorização específica do autor. Autorizo também a divulgação do arquivo no formato PDF no banco de monografias da Biblioteca institucional

Sergio Carluxo Ribeiro de Souza  
Pindamonhangaba, dezembro de 2021.